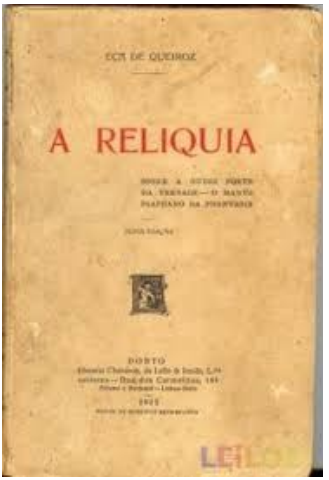
RELÍQUIA

Eça de Queirós

Condensado e analisado por Geraldo Chacon







APRESENTAÇÃO

O romance *A relíquia* não tem a virulência de *O crime do padre Amaro*, nem é tão bem construído quanto *A*

ilustre casa de Ramires, mas é muito divertido. Nele a ironia corrosiva, sarcástica e bem-humoradaalcança momentos hilários. Certa vez, influenciei um amigo, também professor, a ler essa obra e qual a minha surpresa, no dia seguinte, ao deparar com ele, a sós, dando risadas com a leitura das trapalhadas do Teodorico e beatices de sua tia.

O romance *A relíquia* pertence à segunda fase, caracterizada por uma ironia corrosiva, crítica, por uma mordacidade penetrante. O olhar devastador que Eça de Queirós lança sobre a vida de uma beata e sobre o clero é impiedoso, mas não se torna pesado e sério, mas caricato e divertido, funcionando mais como a ação de um cartunista.

ENREDO CONDENSADO

"Decidi compor, nos vagares deste Verão, na minha quinta do Mosteiro (antigo solar dos condes de Lindoso), as memórias da minha Vida − que neste século, tão consumido pelas incertezas a Inteligência e tão angustiado pelos tormentos do Dinheiro, encerra,

penso eu e pensa meu cunhado Crispim, uma lição lúcida e forte. ” (p.1491)

Assim, em primeira pessoa, apresenta o narrador Teodorico o seu relato. Recorda que em 1875, foi mandado, pela tia D. Patrocínio das Neves, do Campo de Sant’Ana, onde moravam, para Jerusalém, em romagem. Diz que testemunhou miraculosamente escandalosos acontecimentos e que voltou, vendo ocorrer grandes mudanças em seus bens e moral. E é isso que pretende contar, por motivos puramente espirituais.

Comentário:O leitor pode apostar que aqui vai ironia e da grossa. É só lembrar-se de que o subtítulo da obra *O crime do padre Amaro* é “Cenas da vida devota”, mas o que se vê depois? São padres bebendo e comendo gulosamente e falando mal da vida alheia, são beatas mesquinhas ou cheias de luxúria.

O narrador compara as terras do Oriente com as de Portugal, que ganham em qualidade, porque, segundo ele: “Jerusalém é uma vila turca, com vielas andrajosas, acaçapadas entre muralhas cor de lodo, e fedendo ao sol

sob o badalar de sinos tristes" e o "Jordão, fio de água barrento e **peco**[1] que se arrasta entre areais, nem pode ser comparado a esse claro e suave Lima que lá baixo, ao fundo do Mosteiro, banha as raízes dos meus **amieiros**[2]..." (p. 1492)

Para quem deseja descrições da Terra Santa, ele aconselha que leia a obra JERUSALÉM PASSEADA E COMENTADA, do alemão Topsius, que fez a peregrinação em sua companhia e sempre se refere a ele como o "ilustre fidalgo lusitano".

Revela que o autor põe muitas mentiras em sua boca e que ele não se incomoda, mas pretende contestar uma delas só, a de que transportava dois embrulhos de papel durante toda a peregrinação, que, segundo o alemão, eram os ossos de seus antepassados.

Diz que deseja negar isso e contar a verdade, não pelo medo que possa ter da Igreja, mas pelo que possa pensar dele a Burguesia Liberal, pois "só da Burguesia Liberal, omnipresente e omnipotente, se alcançam, nestes tempos de semitismo e de capitalismo, as coisas boas da

1 Mal que faz definhar os vegetais. Na frase, peco está empregado metaforicamente para significar um rio pobre, reduzido, sentido esse que é reforçado pela expressão "se arrasta".
2 Árvore ornamental, da família das betuláceas.

vida, desde os empregos nos bancos até às comendas da Conceição.” (p.1493)

Comentário:Temos aqui, já na introdução do relato, avisão crítica de Eça amalgamada com o seu estilo irônico.

Capítulo I

“Meu avô foi o padre Rufino da Conceição”, sua avó era uma doceira e seu pai, também de nome Rufino, era afilhado de N. S. da Assunção. Em 1853, um ilustre bispo de Corazim (Galileia) veio à casa do cônego Pita, em Évora, onde costumava tocar violão o pai do narrador. Seu pai fez publicar no jornal *Farol* uma crônica elogiando os sacerdotes. O bispo tomou-se de amizade por ele e isso aumentou quando soube de quem era filho. Deu-lhe um relógio de prata e conseguiu que fosse nomeado diretor da Alfândega de Viana.

Comenta o narrador que nascera em uma sexta-feira de Paixão, tendo sua mãe morrido no dia seguinte. Mais tarde, em uma noite de entrudo, morreu também seu pai e ele, com sete anos, foi viver na casa da tia Patrocínio, a quem chamam de titi.

*"*Apenas completei nove anos, a titi mandou-me fazer camisas, um **fato**[3] de pano peto, e colocou-me, como interno, no colégio dos Isidoros, então em Santa Isabel. " (p.1500)

No internato, o narrador faz amizade com Crispim, "filho da firma Teles, Crispim & Cia, donos da fábrica de fiação à Pampulha".[4]Todo mês, a criada Vicência vinha buscá-lo para passar um domingo com a titi. Ao seguir para o Campo de Sant'Ana, onde moravam, desciam pelo Chiado. Aí, o narrador sempre parava em frente a uma loja para admirar um quadro que apresentava uma "mulher loura, com os peitos nus, recostada numa pele de tigre, e sustentando na ponta dos dedos, mais finos que os do Crispim, um pesado fio de pérolas". (p.1501)

Em casa, a titi perguntava pelos conhecimentos de religião e obrigada a rezar as orações e dizer os mandamentos. Era comum, aos domingos, a presença de dois padres, que sempre vinham jantar: o padre Casimiro, de cabelo encaracolado, procurador da titi; padre Pinheiro, moreno e triste, que sempre ficava ao

3 Roupa, veste, vestuário.

4 Metonímia, com forte dose de ironia crítica, pois o menino é filho dos donos da firma e não da firma, é claro. A linguagem figurada tem a função de denunciar que a importância da pessoa está mais na sua condição socioeconômica do que em seus próprios valores.

espelho examinando a língua como para ver se tinha algum a doença. Ao ser levado para o colégio, Vicência ía contando que a titi a tinha tirado da Misericórdia, que a titi era doente do fígado e que tinha muitas moedas de ouro numa bolsa de seda verde, além de grossa herança que lhe deixara o comendador Godinho, tio dela e de sua mãe. Sozinho, no colégio, à noite, pensava nos braços gordos e brancos de Vicência.

Um dia, ofendido por um rapaz, brigou, surrando-o, "Fui temido. Fumei cigarros. O Crispim saíra dos Isidoros; eu ambicionava saber jogar a espada. E o meu alto amor pela Vicência desapareceu um dia, insensivelmente, como uma flor que se perde na rua". (p.1502)

Passam-se os anos. O rapaz vai continuar seus estudos em Coimbra. A titi fornece-lhe um papel com a oração de S. Luís Gonzaga, para conservar a pureza e a castidade. A vida na hospedagem das Pimentas, no entanto, faz com que o narrador conheça as delícias da vida e deixe de lado a oração de S. Luís. Embora viva na farra, o homem feito e barbudo, que foi apelidado de Raposão, escreve a cada quinze dias uma carta humilde e piedosa, em que fala da severidade dos seus estudos,

dos seus jejuns e orações e outras mentiras. Por isso, quando ia passar o verão com a titi, em Lisboa, o narrador sofria ao ter que fazer muitas orações, deixar de fumar e ficar fechado em casa. Os padres continuavam aparecendo aos domingos, agora com mais uma companhia, O Margaride, ex-delegado e juiz, que se aposentara, "rico por morte de seu mano Abel".

"Era um homem corpulento e solene, já calvo, com um carão lívido, onde destacavam as sobrancelhas cerradas, densas e negras como carvão." Margaride elogiava o rapaz, despertando sua simpatia.

Ambos saíram a passeio, num dia de agosto, e o Margaride apresentou ao narrador um seu parente afastado, primo do comendador Godinho. Chamava-se Xavier e vivia num casebre, na Rua da Fé, com uma espanhola, Cármen, com quem tinha três filhos.

Certo dia, o narrador vai visitá-los e fica impressionado com a pobreza em que vivem. Xavier, a escarrar sangue, pede ao narrador para interceder por ele junto a a titi: "Tu é que lhe devias falar, Teodorico! Tu é que lhe devias dizer... Olha para essas crianças. Nem meias têm..." (p.1504)

Teodorico, porém, não encontra coragem de pedir nada. Xavier, então, põe no jornal um anúncio, pedindo esmola, e assina Xavier Godinho, para ver se a velha faz alguma coisa. Quando lê no jornal, a titi diz ao narrador: "Que se aguente... Cá para mim, homem perdido com saias, homem que anda atrás de saias, acabou... Não tem o perdão de Deus, nem tem o **meu***!"*[5] Tal declaração deixa o narrador aterrado a tal ponto que, logo que pode, corre ao seu quarto e pega "a carta deliciosa da Teresa, a fita que conservara o aroma da sua pele, e a sua fotografia", deitando fogo a tudo.

Certo dia, Teodorico encontra na rua um dos seus colegas de farra, o Silvério, apelidado Rinchão, que o convida a ir até a casa de uma sua amiga, Ernestina. Ele vai e lá fica conhecendo Adélia, que tinha "braços tão brancos e macios, que entre eles a morte mesma deveria ser deleitosa". (p.1507)

Adélia faz-lhe cócegas ao pescoço e o beija na boca. O tempo passa e Teodorico chega tarde para o chá em casa de titi, que se encontra furiosa: "Quem quiser viver aqui há-de estar às horas que eu marco! Lá deboches e

5 Essa declaração deixa evidente que a rica e mesquinha tia não vai ajudar ninguém e pode deixar de proteger o Teodorico, motivo que o leva a reforçar seu comportamento bajulador e aviltante.

porcarias, não, enquanto eu for vivia! E quem não lhe agradar, rua*!* ” Olhando para as pratas do comendador, em que estava servido o chá, pensou o narrador que não podia desagradar à rica titi.

“Por isso, mais tarde, quando ela penetrou no oratório para cumprir o terço, já eu lá estava, de rojo, gemendo, martelando o peito, e suplicando ao cristo de **ouro**[6] que me perdoasse ter ofendido a titi”.

Submetendo-se sempre, o narrador consegue terminar os estudos e formar-se em Direito. Para premiá-lo, a titi compra-lhe uma égua e dá permissão para que possa sair e ficar na rua até nove e meia, e, mais tarde, como ele se comporta bem, estende esse privilégio até onze horas, quando ela fecha as portas e reza o terço. Teodorico, no entanto, mal se vê fora de casa, corre ao jogo ou aos braços de Adélia, que agora é mantida pelo rico comerciante Eleutério Serra. Sabe, no entanto, que deve esconder toda e qualquer aventura de sua titi, para quem o amor é coisa suja:

“E quase achava a Natureza obscena por ter criado dois sexos*”*. (p.1512) “Por isso agora as minhas precauções

6 A especificação do material de que é feito o Cristo evidencia o caráter falso e hipócrita da relação da tia com a religiosidade.